

EMARANHADOS E MISTURAS: POSSIBILIDADES DE TRABALHO EM CONTEXTOS DE COMPLEXIDADE¹

*Raquel Sant'Ana*²

Resumo: Este texto procura destacar brevemente os rendimentos da ideia de “emaranhado”, apresentada por Carly Machado no artigo “Fazendo política em outros Congressos: tramas religiosas, práticas midiáticas e a estética da política nas periferias urbanas do Rio de Janeiro” (publicado neste mesmo número), como chave de leitura possível dos procedimentos utilizados pela autora. Embora a ênfase na complexidade e na produção de uma teoria desde a etnografia seja comum a diversas tradições antropológicas (para alguns, inclusive, é a própria definição distintiva da disciplina, como se sabe) o manejo de “emaranhados” pela autora demonstra os ganhos específicos dessa abordagem para o estudo de pentecostais, margens e de “eventos”.

Palavras-chave: Pentecostais; Etnografia; Evangélicos.

TANGLES AND MIXTURES: NOTES ON ANTHROPOLOGY AND COMPLEXITY

Abstract: This text seeks to briefly highlight the yields of the idea of “entanglement”, presented by Carly Machado in the article “Making politics in other Congresses: religious plots, media practices and the aesthetic of politics in the urban peripheries of Rio de Janeiro” (published in this same number), as a possible reading key for the procedures used by the author. and their income for anthropological research in general, and, but in particular, for the study of Pentecostals and "events". Although the emphasis on complexity and the production of a theory from ethnography is common to several anthropological traditions (for some, it is the very distinctive definition of the discipline, as we know) the author's handling of “tangles”

¹ Como citar: SANT'ANA, Raquel. Emaranhados e misturas: possibilidades de trabalho em contextos de complexidade. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 2, n. 38, p. 63 - 76, 2020.

² Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: emailderaquel@gmail.com.

demonstrates the specific gains of this approach to the study of Pentecostals, margins and “events”.

Keywords: Pentecostalism; Ethnography; Evangélicos.

No emblemático ano de 2013, em um contexto de crescente espanto com a definição de novas forças políticas e com as manifestações de rua que tomavam o país, Carly Machado publicava um artigo com o emblemático nome: “É muita mistura: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro”. Ali, analisando condições que cercavam um evento público realizado na periferia do Rio de Janeiro, Machado traçava etnograficamente uma trama que incluía pastores, cantores, agentes públicos, instituições, empresas, redes familiares, referências midiáticas, líderes comunitários e que ganhava, no comentário lateral e um pouco enigmático de uma interlocutora, essa definição: é muita mistura.

O comentário, no entanto, não aparecia nessa descrição como uma crítica ou incômodo, mas como uma espécie de constatação admirada de complexidade. É notório, porém, que essa “mistura” também tem aparecido repetidamente sob a forma de denúncia no debate público nacional. Em sua versão acusatória, é sentida a recorrência de variações de uma mesma definição dos elementos que são considerados “misturados”: a religião, o dinheiro (sejam interesses de mercado ou de enriquecimento pessoal) e a política. Reportagens que quantificam o número de candidatos eleitorais com títulos religiosos, por exemplo, ou a própria cobertura da investigação sobre a Deputada Flordelis, trazidos no texto de Machado, demonstram como os casos particulares são elencados para exemplificar essa incompatibilidade de termos suposta como premissa. Nessa maneira de postular, se produz também um certo efeito que situa a religião como o modo fundamental de localizar atores (“os evangélicos”, “os fundamentalistas”, “as igrejas”), com

rendimentos mais ou menos produtivos para o debate público e consequências específicas para o debate acadêmico.

Não me estenderei aqui sobre a bem conhecida discussão acerca da historicidade dessa proposta moderna da separação da realidade em “esferas” classicamente discutida por Talal Asad (1993; 2003) e que gerou, ela mesma, outros arranjos analíticos que colocaram o secularismo em questão, ou sobre abordagens igualmente férteis como as que perguntam sobre os problemas de definição do público nessas relações (Montero, 2018). A despeito de seu notório rendimento, meu objetivo é chamar a atenção e desdobrar possibilidades de algo que me parece uma das características mais fortes do trabalho de Carly Machado: a insistente desarrumação da maneira como são postos os problemas nessas tradições. Não rejeição ou desvio, mas desarrumação. Ou, como insistirei por mais algumas páginas, um emaranhado.

Seja pela escolha de objetos muitas vezes vistos como marginais, interlocutores participantes de controvérsias e arranjos institucionais pouco convencionais na literatura, seja pelo diálogo com tradições analíticas que estabeleceram pouca comunicação entre si historicamente, o texto, em continuidade com outros trabalhos da autora, apresenta um emaranhado (para usar uma palavra dela) que ressitua a discussão. Creio, por isso, que enumerar parte dos procedimentos pelos quais a autora alcança esse resultado pode produzir um caminho interessante de diálogo com seu trabalho, e também de pensar brevemente as possibilidades que podem ser experimentadas em outras situações de pesquisa. É a isso que me dedico neste comentário.

É importante notar, em primeiro lugar, que, assim como “É muita mistura” de 2013, o artigo de Machado ora publicado, se insere em uma série de outros esforços etnográficos que, não tendo partido (apenas) de “estudos de religião”, vem produzindo descrições e análises que abrem perguntas e abordagens novas ao campo, marcadamente estudos que trazem contribuições de uma antropologia urbana e de seu fazer desde as “margens” (Birman, 2012; Vital da Cunha, 2015, Almeida e D’Andrea, 2004).

Essa maneira de produzir as perguntas de trabalho parece demonstrar a fertilidade mais geral do que Mariza Peirano (2008) apontou como o modo

mais fundamental de contribuição da antropologia para a teoria social: a produção de teorias desde a etnografia e do encontro com interlocutores que são levados a sério não apenas nas respostas que dão às perguntas que os pesquisadores fazem, mas também no jeito como formulam eles próprios seus problemas. Isso quando este encontro resulta em delimitar teorias nativas desde um ponto de vista externo ou dialogar com elas de modo a produzir um saber conjunto.

O que quero demarcar aqui como parte dos “procedimentos” centrais para a produção do “emaranhado” é que no centro das contribuições dessa abordagem está deslocar as perguntas tal como aparecem na teoria a partir do que os interlocutores apresentam.³ Viemos nos perguntando ao longo de décadas, como pesquisadores, sobre os arranjos do religioso e do político, a pergunta que ouvimos, no entanto, pode ser sobre como se dá uma “volta por cima”.

Parece desdobrar disso, que uma maneira de ler o texto é pelo emaranhado como um tipo de método. Isso porque somos apresentados, inclusive no estilo da escrita, a uma desestabilização contínua do que é mostrado. Os personagens se desdobram a partir das novas conexões que descobrimos possuírem com outras escalas de poder, de circulação, de tempo e de problemas teóricos.

O Congresso Internacional de Missões - CIM é uma forma de pensar a política local, eventos, que pode ser analisada não só situacionalmente, mas também através da ideia de performance. Além disso, se baseia na imagem de uma mediadora produzida midiaticamente, a qual possui vínculos com

³ No artigo em discussão, fica claro como a “volta por cima”, presente na fala de Flordelis, é tomada como um modo de orientar a própria pergunta de pesquisa, ou seja, a construção de reputações e suas dissoluções, a transformação e instabilidade nas alianças. É por isso que o trabalho não pode se enquadrar unicamente no diálogo com a literatura sobre associativismo e política, ou sobre mídia, ou sobre religião. O problema colocado pelos interlocutores não diferencia esferas. É por isso também que a ideia de “campo político pentecostal” ganha aqui bastante relevância. Nesse movimento, a autora traz a contribuição marcadamente antropológica na produção de teoria social.

a história das narrativas sobre violência no estado do Rio, e com a circulação em uma mídia gospel que produz implicações estéticas, efeitos em escalas cotidianas, que no tempo específico do congresso reúne alianças que demonstram o trânsito para lógicas nacionais, que se transformam com um escândalo policial, que, por sua vez, tem implicações midiáticas e políticas e é encarado através de uma lógica da volta por cima que conecta escalas diferentes do discurso e da prática pentecostal. Com esse parágrafo propositadamente precário e (espero) cansativo, com o enfileiramento reduzido de parte dos argumentos da autora, pretendo demonstrar que, para além da óbvia atenção para a complexidade do objeto, a sequência de desdobramentos apresentada produz um efeito de desestabilização da leitura. O emaranhado, me parece, segue sendo uma boa imagem.

Além de se recusar a reduzir seu objeto a uma das linhagens de problemas com que dialoga, a autora também recusa fixá-la em um recorte de escala e de tempo, promovendo no leitor uma experiência de instabilidade e de provisoriedade que é, ao fim, a própria conclusão de seu argumento. É na transformação, nos desdobramentos, arrumações temporárias e voltas por cima que se entende o emaranhado das vidas, falas, histórias e canções de seus interlocutores.

Proponho que nos detenhamos um pouco mais nas possibilidades dessa abordagem via “emaranhados” e no rendimento de sua instabilidade. Penso que se pode afirmar que os emaranhados são procedimentos verificáveis simultaneamente nos processos de 1) elaboração do objeto; 2) coleta e apresentação de dados 3) análise final.

Exploremos a seguir algumas de suas implicações ressaltando, menos emaranhadamente, que não pretendo: a) elevar a alguma condição superior de formulação teórica o “emaranhado” (parte do que a autora argumenta, como afirmei, é algo caro à antropologia como disciplina e parte de sua maneira mais geral de olhar os enunciados teóricos); b) atribuir à autora concordância prévia com os desdobramentos que experimento como leitora interessada; c) defender que este seja o único ou melhor método para produzir conhecimento; d) produzir uma história das análises digamos “emaranhadas”.

Este é um comentário breve, situado, e me valho da liberdade do formato para ensaiar sistematizações e consequências boas para pensar. Se essa arrumação temporária de ideias e destaques for capaz de ajudar a emaranhar ou desamaranhar algumas ideias terei cumprido meu objetivo.

OBJETOS EMARANHADOS E A “ANÁLISE DE EVENTO”

Se parte do que o texto produz é um emaranhado, que papel cumpre a decisão sobre o recorte do objeto e a via de acesso a ele nessa produção? Um dos pontos que me parece útil para pensar é a maneira pela qual é apresentada a ideia de análise de “evento” no texto. Isso porque, como fará em outros diálogos teóricos, a autora traz à tona teorias clássicas que a antropologia desenvolveu, mas não as aplica diretamente. O “evento” é uma delimitação dos interlocutores que a autora coloca em diálogo com algumas propostas clássicas da antropologia que possuem outros enquadramentos. É assim que não estamos diante de uma aplicação direta de análise de ritual (Turner, 1974), análise situacional (conforme proposta por Gluckman, 2010), de eventos como experiências estéticas (Meyer, 2009) ou dos tempos extraordinários da política (Palmeira, 2002).

Embora em diálogo com essas tradições, a autora parece não levar nenhuma delas exclusivamente às últimas consequências por um motivo: recortar o objeto como evento, nesse caso, é também dialogar com uma forma de organização e construção de laços para seus interlocutores. Há aqui a produção de condições de possibilidade para a emergência de perguntas que são próprias da situação, porém com seu próprio rendimento teórico: há uma teoria nativa do que seja um evento? Como é possível estabelecer uma distinção entre tempo cotidiano e extraordinário para um ministério, que segue modos de organização diferentes de uma igreja? O que é o evento para quem está presente fisicamente e para quem está apenas online? Ele segue sendo um evento quando está sendo assistido uma semana depois em

um celular disposto sobre uma bancada na qual se lava a louça numa casa de outra cidade? O que define o evento?⁴

A escolha pela descrição do evento aqui, diferente de análises mais clássicas, não parece ter a pretensão de estabelecer um modelo. Tampouco parece ter como objetivo esgotar um feixe de redes específico. Ao fim, o que parece resultar da narrativa é um objeto cuja formulação desestabiliza delimitações de espaço, tempo e escala. Ou seja, o evento, tal como aparece aqui, pode ser uma maneira de recortar um emaranhado, descrevê-lo, mas não desemaranhá-lo. É o caráter emaranhado em si mesmo que se descreve. O ganho analítico faz ver não só os limites dos modos pelos quais os problemas tais quais estão propostos na literatura apresentam, o que é um ganho geral de etnografias, mas também, e isso é um passo a mais, no que ele compõe um modo de organizar e pensar politicamente. Somos provocados a desistir de desembaraçar definitivamente os fios do emaranhado e passar a analisar o que ele produz.

Um dos efeitos dessa abordagem é o assombro. A cada estabilização de um recorte a autora elenca um novo feixe de relações, uma nova cena, um novo discurso, um novo diálogo teórico que desestabiliza as conclusões anteriores. Esse recurso parece abrir possibilidades para constituir um modo de descrição da própria dinâmica do evento como sequência de assombros (com a nova liderança ou celebridade convidada? Com o novo “mover do Espírito” pela mensagem? Com a nova dinâmica chamada - de pé, sentado, dançando-?), e também da própria vida que é lida como um caminho de “voltas por cima”.

O evento como recorte desestabiliza as proporções de espaço, tempo e escala. Ocorre não só na sede do ministério, mas também nos dispositivos eletrônicos utilizados pelos que o assistem à distância, no território que carrega a ação cotidiana do projeto, nos contextos em grande medida

⁴ Em meu próprio trabalho, venho desenvolvendo estratégias para lidar com essa questão a partir da ideia de performatividade, ou seja, de que um evento é espaço privilegiado para a produção de coletividades do ponto de vista performativo (2017).

aleatórios em que pode ser acompanhado por públicos interessados em alguma apresentação em especial, curiosos ou simplesmente encaminhados por alguma dinâmica algorítmica imponderável. Ocorre nos dias agendados para o evento e a qualquer momento em que seja acessado online. Ocorre como dinâmica própria da escala local, nacional e também é marca de trajetórias individuais. É temporário, mas muda a vida. É com ele que é possível apresentar o emaranhado sem desfazê-lo.

EMARANHADO COMO ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

Como se sabe, a etnografia é um gênero que pode tomar como base para sua elaboração muitos tipos de materiais, sejam eles arquivos, textos teóricos, literários, jornalísticos ou mesmo materiais audiovisuais, entre muitos outros, dos quais também fazem parte os coletados em diferentes modalidades de observação participante.

Neste caso, sob a ideia de “trabalho de campo” notamos aqui reunidos dados de qualidades diferentes, recolhidos na imprensa, na observação participante via comparecimento no local do congresso, em redes sociais relacionadas com o evento, materiais de divulgação entre outros. Esse debate sobre a combinação de recursos tem, como também é amplamente conhecido, na ideia de etnografia multisituada (Marcus, 1995; 1998) um de seus pontos clássicos pelo qual passou grande parte dos desenvolvimentos sobre os caminhos metodológicos e teóricos da produção antropológica. Essa também é uma característica comum às etnografias de sociedades complexas com multipertencimentos e transformações (Velho, 1992; Barth, 2000), e já alcançou debates inclusive sobre a posição da produção de conhecimento e autoria das diversas fontes que podem aparecer ao pesquisador como verdadeiros interlocutores (Becker, 2009). Parece, porém, que além de assentada sobre essas tradições mais amplas da disciplina, a aparente recusa à sistematização mais geral dos elementos utilizados como fonte me parece aqui produzir algo a mais que vale destacar.

Isso porque no desenvolvimento da escrita, a apresentação em sequência de dados que remetem a tempos e contextos de coleta diferentes parece servir fundamentalmente à produção do efeito de emaranhado. Assim como em relação às perguntas de pesquisa e os enquadramentos do objeto, que são repetidamente apresentados e desestabilizados por uma outra possibilidade, a ser apresentada no parágrafo seguinte, os dados também cumprem esse papel apontando, por suas características, para escalas diferentes de tempo, espaço e relações. Diferente de outros procedimentos descritivos em que a dispersão de origem dos dados conflui para uma combinação narrativa que reforça a coerência e estabilidade do objeto, no trabalho de Machado, ela aparece como um outro fator de desestabilização das coerências temporárias na descrição do objeto.

O dado sobre a aliança partidária que povoou o jornal do estado, o filme produzido em outro tempo recuperado pelo escândalo atual, a investigação, o congresso, parecem conferir, com seu acúmulo, uma qualidade de movimento ao objeto. Diferente de outros textos em que essa sequência ajuda a demonstrar como as combinações, que seriam problemáticas do ponto de vista de outros universos, possuem uma ligação harmoniosa e constituem um universo mais ou menos estável para determinados mundos, os movimentos da narrativa de Machado não são construídos com atritos e faíscas. As passagens demonstram que a combinação de operações em diferentes escalas é um trabalho extenso a ser realizado com mais ou menos sucesso pelos mediadores em questão.

Lendo o texto enquanto um experimento que analisa e descreve um emaranhado tomando-o como tal, sem “desemaranhá-lo”, me parece que esse aspecto metodológico tem ainda uma outra dimensão. Ele aparece como um meio hábil para descrever as possibilidades de interação que se apresentam em um “evento”. Tanto para os limites apresentados a quem realiza uma observação participante localizada nesse “evento”, quanto para a própria dinâmica sobre a qual ele se sustenta.

Parte do que se tornou clássico nas descrições etnográficas (e que em certa medida gerou inclusive um certo senso comum que trata como sinônimos

“trabalho de campo”, com uma de suas muitas modalidades, e “observação participante”) foi a capacidade de, por estabelecer laços duradouros e de fato “participantes” com uma comunidade ou rede, ser possível apresentar uma densidade para as personagens e cenas descritos. Esse modelo de trabalho permite acompanhar essas personagens em suas múltiplas interações, explorar os efeitos da própria relação entre pesquisador e interlocutores, ou mesmo, descrever momentos de “drama”.

O que me parece, no caso desse emaranhado e também de meus próprios experimentos em pesquisa realizada no circuito gospel de shows e na Marcha para Jesus (2017) é que, além desse rendimento, há um outro que reside precisamente em descrever a qualidade ao mesmo tempo íntima e casual das interações em questão. Ou seja, é na descrição dessas interações que se dão ao mesmo tempo uma fugacidade e fluidez próprias de um mundo pós indústria cultural⁵ e uma profunda intimidade de “irmãos em Cristo” que nunca se viram ou se verão outra vez, porém compartilham algo naquele momento, ao lado de outros que são parte enraizada do Ministério, acompanhados por alguém que, na segurança de escrever deitada em sua cama em um fórum de rede social, ouvindo uma “palavra” dada no palco para milhares de pessoas, tem em si um rendimento importante para o argumento. É, de certa forma, esse feixe instável que se está descrevendo.

Essa atenção para o desenvolvimento de tipos de vínculos e relações que não se enquadraram nos modelos mais clássicos de comunidade, que tem estado presente de maneira mais explícita em outros textos da autora (Machado, 2010; 2017), e, embora possua diálogos com a literatura mais geral sobre mídia, parece ter ganho, neste último desenvolvimento, uma maior delimitação de suas especificidades no campo pentecostal.

⁵ Uso o termos de Adorno e Horkheimer por me parecer elucidativo da dimensão mercadológica e industrial do processo, mas ressalvo que com isso me distancio dos acúmulos da autora que explora desdobramentos de uma ideia de “mídia”, com outros rendimentos analíticos.

Não é o caso, nesse limitado espaço, de explorar os diálogos dessa abordagem com as diferentes linhagens que propõem abordar o quinhão contemporâneo dessa experiência. Seja como “mundos líquidos”, “margens” ou “instabilidades ontológicas”, há algo de próprio sendo realizado em batalhas espirituais, repetidas “voltas por cima” e em transformações. Uma estratégia de “emaranhado” para a produção de dados, descrição e análise parece potente para abordar e habitar esse mundo de transformação.

O EMARANHADO COMO RESULTANTE

Começamos estas considerações finais com a lembrança da ideia de “mistura” e chamando para a reflexão uma correlata, o emaranhado. Mas, o que decanta de tomar emaranhados como recortes e abordagem de pesquisa? O que se produz de uma análise que não propõe desfazer os emaranhados, mas descrevê-los?

O efeito narrativo parece ter especial rendimento em trazer à tona os fluxos e emaranhados da vida social que são capazes de produzir suas próprias formas de operação. Formas que se distinguem das igrejas, como, por exemplo, Ministérios que, difíceis de enquadrar sob o peso dos modelos de análise institucional que herdamos historicamente do Catolicismo e de sua Reforma, não podem ser entendidos apenas como uma construção religiosa, mas como um emaranhado complexo, midiático, político, de bases profundas no território.

Partindo daí, fica mais clara a importância de “eventos” (nesse caso, um congresso) como situações privilegiadas para tratar etnograficamente. Mais do que uma “situação”, montada analiticamente aos moldes propostos por Gluckman, estamos diante de construções centrais na operação das articulações que sustentam o Ministério como tal. Disso se desdobra também que essa etnografia precisa ser feita em escalas: de tempos, de espaços e de problemas.

Torna-se possível nesse mesmo processo, a formulação da hipótese que resulta da desestabilização de todos os pressupostos englobantes: a de que há um modo pentecostal de navegar pelos emaranhados, um modo que é uma maneira de fazer política e de navegar pela vida. Que é capaz de se emaranhar por diferentes escalas, esferas e tempos. Esse emaranhado profundamente calcado na transformação, na “volta por cima”, tem assim uma potência como elemento útil no contexto de Flordelis e também como entrada de análise para outros contextos. É na etnografia que construímos teoria nesse campo, afinal.

Se parte do trabalho dos antropólogos é por vezes demonstrar que há ordem no mundo do “outro”, visto como desordem por olhares externos, o “emaranhado” parece ter ganhos como modo de levantar perguntas sobre a própria forma de operar na instabilidade. Jeitos de navegar um mundo caído e dar a volta por cima.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo & D'ANDREA, Tiarajú. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. *Novos Estudos*, São Paulo, 68, 2004, pp. 94-106.
- ASAD, Talal. *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in christianity and Islam*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993
- ASAD, Talal. *Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity*. California. Stanford University Press. 2003.
- BARTH, Fredrik. *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.
- BECKER, Howard. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2009.

BIRMAN, Patrícia. Cruzadas pela paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro. *Religião & Sociedade*, 32(1), 2012, pp. 209-226

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In. FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP. 2010.

MACHADO, Carly. Novos Movimentos Religiosos, Indivíduo e Comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2010, p. 145-163.

MACHADO, Carly. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, 2013, p. 13-36.

MACHADO, Carly Barboza. THE CHURCH HELPS THE UPP, THE UPP HELPS THE CHURCH: PACIFICATION APPARATUS, RELIGION AND BOUNDARY FORMATION IN RIO DE JANEIRO’S URBAN PERIPHERIES. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, Brasília, v. 14, n. 3, e143075, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412017000300500&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Nov. 2020. Epub Apr 23, 2018. <https://doi.org/10.1590/1809-43412017v14n3p075>.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, 1995, pp. 95-117.

MARCUS, George E. *Ethnography through Thick/Thin*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

MEYER, Birgit. *Aesthetic formations: media, religion, and the senses*. Nova York, Palgrave Macmillan. 2009.

MONTERO, Paula. “Religião cívica”, “religião civil” e “religião pública”: continuidades e descontinuidades. *Debates do NER*. V1, n. 33, 2018, pp. 15-39.

PALMEIRA, Moacir. “Política e tempo: nota exploratória”. In: PEIRANO, Mariza (org.). *O dito e o feito. Ensaio de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, pp. 171-177, 2002.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. *PontoUrbe*, ano 2, versão 2.0, fevereiro 2008.

SANT'ANA, Raquel. *A Nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade “evangélica” a partir da Marcha para Jesus*. Tese (doutorado em antropologia social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017..

SCHECHNER, Richard. *Performance Studies, an introduction*. London: Routledge. 2002.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes. 1974.

TURNER, Victor W. *From Ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: Performance Arts Journal Publications, 1982.

TURNER, Victor W. *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publications. 1998.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: G. Velho e O. Velho (orgs.), *Dois conferências*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ. 1992.

VITAL DA CUNHA, Christina. *Oração de Traficante: uma etnografia*, Ed. Garamond. 2015.

Recebido em: 21/10/2020

Aprovado em: 21/10/2020